



## Vitruvian Cogitationes - RVC

### ROSTO QUÍMICO: UMA RELAÇÃO ENTRE A ARTE E A CIÊNCIA

*CARA QUÍMICA: UNA RELACIÓN ENTRE ARTE Y CIENCIA*

*CHEMICAL FACE: A RELATIONSHIP BETWEEN ART AND SCIENCE*

**Elaine Gardinal Denck**

Colégio Estadual Polivalente, SEED; stinha17@gmail.com

**Nelson Silva Junior**

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG; nelsonsj194@yahoo.com.br

---

**Resumo:** Esse artigo é uma pesquisa em Arte sobre modelagem em Cerâmica, poética e avanços científicos na vida do homem. Apresenta a obra Rosto Químico, (argila shiro, dimensões: 18 x 12 x 19 cm), seu estudo, confecção e poética, resulta da reflexão sobre o uso indevido de produtos químicos e seus impactos ambientais. O aporte teórico se baseia, em especial, em Fischer (1981), sobre o despertar da evolução do homem e a relação com a Arte, em Rey (2002), sobre a metodologia de pesquisa em Artes Visuais, o estudo e a produção da arte. Com Ménasé (2004), a compreensão da obra de arte. Apresenta o artista como partícipe de uma experiência estética, refletindo, criando e modelando seus próprios sentimentos. O trabalho apresenta a obra de arte como resultado de uma relação entre a Arte e a Ciência, tanto ao refletirmos sobre os efeitos nocivos de produtos químicos usados de diferentes formas, quanto ao pensarmos no trabalho específico da Cerâmica, cujo suporte (argila) se constitui na natureza, afetada por esses mesmos produtos.

**Palavras-chave:** Arte, Ciência, Cerâmica, Obra de Arte.

**Resumen:** Este artículo es una investigación en Arte sobre modelado en Cerámica, poética y avances científicos en la vida humana. Presenta la obra Rosto Químico (Arcilla Shiro, dimensiones: 18 x 12 x 19 cm), su estudio, confección y poética, resultado de la reflexión sobre el mal uso de productos químicos y sus impactos ambientales. La aportación teórica se basa, en particular, en Fischer (1981), en el despertar de la evolución del hombre y la relación con el Arte, en Rey (2002), en la metodología de investigación en Artes Visuales, el estudio y producción del arte. Con Ménasé (2004), la comprensión de la obra de arte. Presenta al artista como participante de una experiencia estética, reflejando, creando y dando forma a sus propios sentimientos. La obra presenta la obra de arte como resultado de una relación entre Arte y Ciencia, tanto al reflexionar sobre los efectos nocivos de los productos químicos utilizados de diferentes formas, como al pensar en el trabajo específico de la Cerámica, cuyo soporte (arcilla) se constituye en la naturaleza, afectados por estos mismos productos.

**Palabras clave:** arte, ciencia, cerámica, obra de arte.

**Abstract:** This article is a research in Art on modeling in Ceramics, poetics and scientific advances in human life. It presents the work Rosto Químico (Shiro clay, dimensions: 18 x 12 x 19 cm), its study, confection and poetics, resulting from the reflection on the misuse of chemical products and their environmental impacts. The theoretical contribution is based, in particular, on Fischer (1981), on the awakening of the evolution of man and the relationship with Art, on Rey (2002), on the research methodology in Visual Arts, the study and production of art. With Ménasé (2004), the understanding of the work of art. It presents the artist as a participant in an aesthetic experience, reflecting, creating and shaping his own feelings. The work presents the work of art as the result of a relationship between Art and Science, both when reflecting on the harmful effects of chemical products used in different ways, and when thinking about the specific work of Ceramics, whose support (clay) is constituted in nature, affected by these same products.

**Keywords:** Art, Science, Ceramics, Work of Art.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Paul Klee (2007, p. 35) diz que “a arte não representa o visível, a arte torna visível”. A Arte não é a representação de algo, ou pelo menos, não apenas isso. Ela é em si Arte. Ela é sujeito, conceito. Com Klee, inicio esse artigo que tem a intenção de apresentar Ciência/Arte e Arte/Ciência intimamente ligadas à poética, com o propósito de ultrapassar o que a imagem propõe. Dentro desse contexto a Arte/Ciência informa, denúncia, provoca, transcende a matéria, gerando um conhecimento capaz de transformar quem a contempla. Todo o trabalho passou pela construção do conhecimento de como chegamos a realidade de nossos dias, o início do progresso científico, tecnológico e artístico.

A metodologia da pesquisa em artes visuais não pressupõe aplicação de um método estabelecido a priori e requer uma postura diferenciada, porque o pesquisador, neste caso, constrói seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que desenvolve a pesquisa. Esse fato faz a diferença da pesquisa em arte: o objeto de estudo não se constitui em um dado preliminar no corpo teórico; o artista pesquisador precisa produzir seu objeto de estudo com a investigação em andamento e daí extraí as questões que investigará pelo viés da teoria (REY, 2002, p. 132).

Na Arte o importante muitas vezes é invisível aos olhos, mas precisa ser desvendado e para isso requer um difícil exercício entre razão e sensibilidade. Uma consciência, segundo Rey (2002) de que existe a administração de forças dialéticas operantes nesta atividade e que há necessidade de um controle entre o que é racional ou científico e o que é emocional, de forma que a subjetividade não tome conta e também não seja anulado pelo racional. Aqui, apresentamos parte do processo de produção de uma obra em Cerâmica, intitulada Rosto Químico, a qual tem sua concepção a partir da reflexão sobre os impactos negativos que produtos químicos, indevidamente utilizados, podem trazer ao mundo, em especial ao homem. Essa obra é um produto da relação Arte-Ciência, que se configura e se materializa a partir do trabalho em Cerâmica.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Fischer (1981, p. 22) afirma que “o homem se tornou homem através da utilização de ferramentas [...] os dois passaram a existir simultaneamente e se acham indissolúvelmente ligados um ao outro”. Isso porque possuíam mãos, que seguravam objetos. A natureza estava a sua disposição, mas foi a mão, o órgão essencial para o início do desenvolvimento da cultura

humana. Foi com o uso de ferramentas, associado ao desenvolvimento da Linguagem, a observação das semelhanças e o poder da magia, que permitiu a evolução do homem, segundo Fischer (1981).

Através das ferramentas, o homem se diferenciou dos demais seres vivos, fazendo uso de objetos naturais, como pedras, madeira, conchas, que o auxiliavam em suas atividades e aos quais chamamos de ferramentas. Entendeu que possuía uma parte do corpo especial, a mão, agindo em consonância e desenvolvendo sua consciência própria do homem, de seus potenciais e habilidades, segundo Childe (1975) citado por Fischer (1981).

Os homens podem fabricar ferramentas porque suas patas dianteiras tornaram-se mãos, porque veem o mesmo objeto com ambos os olhos e podem avaliar as distâncias com muita exatidão. Assim como um delicadíssimo sistema nervoso e complicado cérebro, os capacitam a controlar os movimentos da mão e do braço, em adequação precisa ao que estão vendo fazer ferramentas e usá-las: precisam aprender através da experiência, através do ensaio e erro.

É no exercício frequente de construção de suas ferramentas, que o ser humano vai se tornando capaz de utilizar a natureza e coisas que o cercam a seu favor. Os erros e acertos, possibilitam que a cada conquista ele avance cognitivamente, ampliando seus níveis de conhecimento sobre as matérias e formas que utiliza. As dificuldades encontradas ao manusear suas ferramentas o provocam a substituir por outras peças, mais eficientes na realização de seus objetivos.

As ferramentas vão sendo produzidas conforme a necessidade humana. Essas necessidades ditam como devem ser esses instrumentos. A exemplo disso podemos pensar que o homem produziu um instrumento pontiagudo para espetar alimentos e levá-los até a boca, porém percebeu que quando seu alimento era líquido esse instrumento não era eficiente, havia necessidade de criar um que tivesse uma cavidade, em que o líquido ficasse acomodado. Essas adequações às necessidades emergentes, foram propiciando a origem de tudo que já foi produzido pelo homem em resposta às suas necessidades.

Foi no trabalho com as primeiras ferramentas, que os homens passaram a ter muito a dizer uns aos outros, sobre as ferramentas criadas, como utilizá-las e como reproduzi-las. A produção e manipulação dos instrumentos provocou a necessidade de um diálogo mais sistemático, para explicar detalhadamente sua função. Podemos compreender que junto com as ferramentas a linguagem se faz presente.

Estudos de Herder (1987) falam sobre as expressões já emitidas pelo homem. Segundo o autor, da mesma forma que um animal, antes da produção das ferramentas, o homem já se comunicava. Usava o que chamou de Linguagens da Impressão, sons de: dor, prazer, gemidos e gritos. Expressões sonoras que subsidiaram o início do desenvolvimento da linguagem do homem, dando significado aos seus sentimentos.

Foi a partir de expressões sonoras naturais que surgiram os demais sons e a capacidade de nominar objetos ao seu redor. Humboldt (2002) citado por Fischer (1981, p. 33) nos diz que “o homem só é homem através da linguagem; porém para inventar a linguagem, ele precisava já ser homem.” O trabalho, a linguagem e o homem se subsidiaram. A consciência de ser homem e suas necessidades, sendo supridas através da produção das ferramentas que precisava para o seu dia a dia e a interação com os demais semelhantes, possibilitou seu desenvolvimento. Ao perceber semelhanças entre uma ferramenta e outra, estabelecer diferenças, o homem distingue-se das demais criaturas, se sobressai e toma o poder em relação às demais espécies, pois consegue fazer o que nenhum outro animal faz: compreender o que criou.

Uma semelhança levou a outra, propiciando ao homem uma crescente riqueza de abstrações, provocando a geração de sinais que organizam seus pensamentos, o grupo e toda a coletividade. Permitiu a coordenação da atividade humana de forma inteligente, facilitando a descrição do trabalho e a transmissão de experiências.

Fischer (1981, p.42) destaca que “o ser que trabalha se eleva pelo trabalho a um ser que pensa. O pensamento – isto é, a mente que pensa – é o resultado necessário do metabolismo mediatizado que é a relação do homem com a natureza”. Com o trabalho, o ser humano vai transformando a natureza como se fosse um mágico. Objetos materiais são transformados em sinais, conceitos, enriquecendo o seu próprio potencial cognitivo e humano. Ao estabelecer semelhanças, o homem passa a abstrair seus conhecimentos práticos, ampliando seu potencial de aprendizagem. O trabalho não é descrito aqui com o ato de produzir um objeto, e sim como ato de criar, transformar através da observação de semelhanças e diferenças nas ferramentas já construídas e utilizadas.

Fischer (1981) apresenta a origem da Arte, sua essência, e os primeiros artistas. Mostra que todo o processo de produção de ferramentas e a capacidade do homem de significá-las, pelo processo linguístico, o situa como um mágico. Ser que vai transformando a natureza que o cerca. Essa magia encontrada na própria raiz da existência humana, criando simultaneamente um senso de fraqueza e uma consciência de força, um medo da natureza e uma habilidade para controlá-la. Essa magia é a verdadeira essência de toda arte. O primeiro a fazer um instrumento, dando nova forma a uma pedra para fazê-la servir ao homem, foi o primeiro artista. O primeiro a dar nome a um objeto, a individualizá-lo em meio a vastidão indiferenciada da natureza, a marca-lo com um signo e pela criação linguística, a inventar um novo instrumento de poder para os outros homens, foi também um grande artista. O primeiro a organizar uma sincronização para o processo de trabalho por meio de um canto rítmico e aumentar, assim, a força coletiva do homem, foi um profeta da arte. O primeiro caçador a se disfarçar, assumindo a aparência de um animal para aumentar a eficácia da técnica da caça, o primeiro homem da idade da pedra que assinalou um instrumento ou uma arma com uma marca ou um ornamento, o primeiro a cobrir o tronco de uma árvore ou uma pedra grande com uma pele de animal para atrair outros animais da mesma espécie – todos estes foram os pioneiros, os pais da arte (FISCHER, 1981, p.42).

Os ritmos que canta em sua tribo, sons que embalam o trabalho, se intensificam pela sincronia e qualificam a força coletiva. Seus disfarces para caça, são as primeiras fantasias para uma encenação necessária à subsistência, mas uma encenação. As marcas que faz em seus instrumentos para assinalar ou decorar, já apresentam sua intenção estética em relação ao que produz. A essa capacidade de criar, Fischer (1981) chama de magia, de arte.

Surge então a ideia de que o impossível também poderia ser conseguido com a utilização desse instrumento mágico, a Arte: provocar o medo, conferir poder sobre o inimigo. Esta Arte a que Fischer (1981) nos remete não era relativa à beleza e sim à capacidade de persuadir e dominar seu semelhante, até a conquista do que parecia incontestável. Pelas suas ideias, o homem passa acreditar numa força avassaladora, sem limites que imita para ter poder sobre o imitado. A Arte era um instrumento mágico de dominação da natureza e de sobrevivência. Um suporte para o desenvolvimento das relações sociais.

No entanto, criando Arte, encontrou para si um modo real de aumentar seu poder e de enriquecer sua vida. As agitadas danças tribais que precediam uma caçada realmente aumentavam o sentido de poderio da tribo; a pintura guerreira e os gritos de guerra realmente tornavam o combate mais resolutivo e mais apto para atemorizar o inimigo. As pinturas de animais nas cavernas realmente ajudavam a dar ao caçador um sentido de segurança e superioridade sobre a presa. As cerimônias religiosas, com suas convenções restritas, realmente ajudavam a instilar a experiência social em cada tribo e a tornar cada indivíduo parte do corpo coletivo. (FISCHER, 1981). O homem no domínio de suas mãos e com o desenvolvimento de seu pensamento sobre tudo que o rodeia, cria e avança. Constrói, destrói, reconstrói. Inventa sua vida e reinventa o planeta.

A produção que apresento, é fruto da técnica, da matéria, da Ciência, da poética da artista que durante a execução se permite acompanhar as transformações pelas quais o mundo

passa a partir das inúmeras descobertas da Ciência. A obra foi a princípio pensada para descrever a poética do artista na arte do barro (Cerâmica). Certezas se tornaram incertezas, durante o desenvolvimento da obra. As mãos (Figura 1) não representavam as mãos do artista, como se desejava. A partir do momento em que ficam prontas, trazem um outro significado para a obra. Iniciei o processo de criação fazendo fotos para o estudo de como a mão do artista se portava ao segurar a argila que moldava.

Figura 1 - Estudos para a confecção da obra



Fonte: A autora, 2021.

Para a construção dessa peça, a técnica utilizada é a da modelagem (Figura 2). A partir do bloco de argila Shiro, já devidamente preparado comecei a obra. Lembrando que preparar a argila é retirar o ar que possa haver dentro da mesma. Podemos fazer isso amassando, sem fazer dobras ou batendo sobre uma superfície firme, sempre alternando os lados, para que o bloco permaneça com o mesmo formato, parte da técnica de preparação da argila para o uso artístico. Neste caso precisei bater o bloco no chão, pelo fato de ser aproximadamente quatro quilos de argila, a mesa não suportaria o peso da batida para retirar o ar da massa.

Figura 2 - Modelagem do bloco de argila



Fonte: A autora, 2021.

Foram vários dias de modelagem para concluir as mãos. Houve a necessidade de envolver a peça com um pano umedecido e jornal. Cobrir devidamente com plástico para não secar antes de encerrar o trabalho (Figura 3).

Figura 3 - Fotos do processo



Fonte: A autora, 2021.

O desenvolvimento do homem, segundo Fischer (1981), proporcionou o avanço na agricultura. Seus primeiros utensílios foram feitos em argila, usados para acomodar os alimentos. Tudo conseguido através das mãos. O plantio, a produção de utensílios, duas realidades que se apresentam como força de emancipação. Uma nova realidade, em nossos dias, essas mãos agora querem mostrar também, o fruto dos avanços tecnológicos desenvolvidos pelo homem, porém elas estão tensas, segurando algo que sofre (Figura 4). Elas querem proteger algo muito delicado e vulnerável.

Figura 4 - Mãos que sofrem



Fonte: A autora, 2021.

Com posse da tecnologia, o homem se desenvolveu. A agricultura avançou, os meios de produção, o mercado, o consumo, a industrialização, a ganância, o poder, o armamento, tudo foi rapidamente evoluindo, até o momento que nos deparamos com produtos químicos para alterar os processos da própria agricultura, produto da emancipação social do homem e degradação da vida.

Agora as mãos dos homens já não estão só dispostas a produzir para o desenvolvimento, mas também em nome deste e várias vezes regridem humanamente. As mãos do artesão encontram um ser humano que sofre as consequências de uma guerra química. Utilizada para destruir plantações durante a guerra do Vietnã, o agente laranja foi um herbicida desenvolvido e utilizado pelos Estados Unidos com objetivo de deixar os vietnamitas sem comida, destruindo

com armas químicas todas suas árvores e plantações. Poderiam assim, fazê-los reféns com mais facilidade. Infelizmente os deixam sem identidade e com malformações (Figura 5) congênicas que se estendem até as gerações atuais.

Figura 5 - Efeitos no rosto da vietnamita produzido pela arma química (agente laranja). Fotografia



Fonte: Arte do fim, 2018.

Enquanto produzia a obra, tramitava no congresso a aprovação de uma lei para o uso de herbicidas nocivos à nossa saúde para combater pragas comuns em climas tropicais. Grandes agricultores defendem o uso dos componentes nocivos ao meio ambiente. Projeto de lei, de número 6299/02 e apelidado de PL do Veneno, em fase avançada em nosso país, indo em direção contrária ao resto do mundo. Cabe lembrar que em 2011, O IBAMA (Instituto de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) realizou a apreensão de 4 toneladas de herbicidas tóxicos, e, dentre as diversas substâncias, estava presente o 2,4 – D (agente laranja). As informações sobre os materiais apreendidos, apontam o possível desmatamento de cerca de 3 mil hectares de mata Amazônica. Grande parte da mata já estava sendo destruída na época pelo agente laranja (Figura 6).

O rosto químico é a dor da mão que segura o sofrimento, é a tensão da barbárie que a humanidade produz, é o alerta de que muito ainda podemos sofrer, se não posicionarmos nossas mãos a favor do bem comum. As mãos podem segurar muitas dores...

Figura 6 – Área da floresta amazônica atingida por reagentes químicos – Agente laranja, em Canutama (am) 1,7 km<sup>2</sup>



Fonte: Ibama, 2018

Não foi muito difícil perceber que as mãos apresentavam um rosto, desproporcional, disforme, que remetia às anomalias causadas pelo desastre químico do Vietnã e que poderá vir a ser o rosto de muitos de nós se continuarmos a nos omitir em relação aos interesses políticos de grandes latifundiários e agricultores em nosso país. Não havia muito o que acrescentar ou retirar do meio das mãos do artista, apenas ajustar alguns detalhes para uma melhor

compreensão. Muitos perguntaram ao ver a obra acabada (Figura 7). O artista está modelando? Não ele já concluiu, eu afirmava, às vezes tenho a sensação que é a própria vietnamita olhando-se no espelho e pensando com as mãos à cabeça dizendo: - Meu Deus!

Figura 7 - A obra



Fonte: A autora, 2021.

Segundo Ménasé (2004, p. 57), para compreender a obra de arte é preciso entender que a significação do que se observa não é livre, não está ligada à ideia particular de cada signo presente na obra. A experiência perceptiva supera toda a análise desses elementos, pois ao produzir determinada obra, o artista vive toda uma experiência estética criando, à sua maneira, seus signos.

Depois da obra concluída em seu processo de modelagem, havia a necessidade de ocar a peça (Figura 8), para retirar a massa da argila interna, permitindo que ela enxugasse com mais rapidez e para evitar que alguma bolha de ar ficasse em seu interior, estourando a peça no momento da queima. Essa peça permitiu um corte apenas. Nos dedos foram feitos furos com agulha de costura, de forma sutil e delicada para retirar a umidade da argila.

Figura 8 - Imagens do processo de cocagem da obra



Fonte: A autora, 2021.

Depois de caca a peça foi reconstruída de forma a retornar ao formato anterior. Esse processo é delicado e exige cuidado para não perder o formato da obra, pois trabalhamos com a argila ainda mole e nesta obra as mãos tinham peso e tamanho maior que o rosto (Figura 9).

Figura 9 - Peça reconstruída

Fonte: A autora, 2021.



Ao atingir o ponto ideal, a peça foi submetida à queima, chegando na fase do processo que chamamos de biscoito (peça queimada). Estaria pronto para receber outra forma de acabamento, porém foi uma opção minha que as três peças permanecessem como as primeiras argilas queimada pelo homem. Apenas biscoitadas (Figura 10).

Figura 10 - Obra: Rosto químico, 2018. Argila branca shiro, modelagem, dimensões: 18 x 12 x 19 cm



Fonte: A autora, 2021.

Depois de concluída, a obra me deixou mais cheia de questionamentos sobre a função deste signo que são as mãos. Essas mãos seguram a dor, alguém está dizendo: - O que eu fiz? O que fizeram? O que foi feito? Essas dúvidas, a obra deixa para o espectador, para o fruidor. Também ficarei com elas. As certezas não fazem mais parte da minha vida. A poética desta obra se desenha, como uma poética das incertezas.

Figura 11 - Poética da incerteza



Fonte: A autora, 2021.

Sob essa perspectiva não podemos esgotar todos os significados possíveis para uma obra, pelo contrário, necessitamos contemplar todos os índices que a obra nos apresenta, deixando-se conduzir pelas percepções, próprias a cada fruidor da obra de arte.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a argila convida a pensar sobre sua produção desde o momento que iniciamos o trabalho, pois as particularidades do suporte, alimentadas pela poética vão direcionando a produção. A sensibilidade de permitir que a obra se defina, sem a pretensão de ser o artista, o único responsável pelo produto final, quem nos dá é a queima, que transforma a argila em Cerâmica, o barro em Arte. É importante lembrar que às vezes durante uma queima peças são perdidas. Pela manipulação inadequada do suporte, por localizar de forma errada no forno, sofrendo avarias causadas por outras peças. Assim sendo, receber a peça inteira após a queima é gratificante, sinal que seu processo foi validado pela queima.

Ao retirarmos a peça do forno iremos conhecer o verdadeiro resultado, a imagem transformada pelo calor. O produto resultante daquilo que planejamos produzir. Essa talvez seja, a fase mais importante para quem trabalha com a Cerâmica. A sensibilidade de compreender e aceitar o resultado da queima. O momento em que Arte e Ciência dialogam de forma profícua. Reações químicas e físicas, provocadas pelas altas temperaturas da queima, vão interferir diretamente no trabalho do artista. Um exercício estético de reconhecer novamente o trabalho, que se contraiu pelo calor, adquiriu nova cor, reagiu à temperatura imposta. A ação da natureza, sobre a qual o artista tem um domínio parcial, pois, por mais que controle a temperatura dos fornos e adicione elementos à massa cerâmica, a saída de uma obra em Cerâmica do forno, é sempre reveladora e imprecisa.

A Arte sempre foi para o homem uma forma de se expressar, contar sua história, preservar sua cultura, de diferentes formas, em diferentes tempos. A obra Rosto Químico, em todo seu processo de concepção e criação, nos aproxima da relação entre Arte e Ciência, tanto ao refletirmos sobre os efeitos nocivos de produtos químicos usados de diferentes formas, quanto ao pensarmos no trabalho específico da Cerâmica, cujo suporte (argila) se constitui na natureza, afetada por esses mesmos produtos. O diálogo que podemos estabelecer com a obra, enquanto fruidores, vai além da apreciação estética da forma, do volume, da cor ou de qualquer outra característica visual. Sua apreciação nos leva a refletir sobre o papel da Ciência enquanto geradora de desequilíbrios ambientais severos, capazes de causar mutações irreversíveis, físicas e sociais. Pensar a Ciência, a partir da Arte, e vice-versa, é reconhecer em ambas um espaço de significação fundamental sobre o mundo em que vivemos e o papel que ocupamos no mesmo.

### REFERÊNCIAS

ARTE DO FIM. **Efeitos no rosto da vietnamita produzido pela arma química** (agente laranja). Fotografia. Disponível em: <http://artedofim.blogspot.com/2011/06/arma-quimica-utilizada-na-guerra-do.htm> Acesso em 18 jul 2018.

FISCHER, E. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar 1981.

HERDER, J. G. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Trad. José M. Justo. Lisboa: Edições Antígona, 1987.

IBAMA. Foto de divulgação: **Área da Floresta Amazônica Atingida por Reagentes Químicos** – Agente Laranja, em Canutama (Am) 1,7 Km<sup>2</sup>. Divulgação/Ibama. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/07/area-no-amazonas-e-desmatada-com-tecnica-usada-na-guerra-do-vietna.html>. Acesso em: 18 jul 2018.

KLEE, P. **Teoría del arte moderno**. Buenos Aires: Cactus, 2007.

MÉNASE, S. (Org.). **Conversas**, 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REY, S. Por uma abordagem metodológica da Pesquisa em Artes Visuais. In: BRITES; B., TESSLER, E. **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-140. v. 4.